

DOMINGO III DO TEMPO COMUM

CIC 711-716: a espera do Messias e do Espírito Santo no Antigo Testamento

711 «Eis que vou fazer algo de novo» (*Is* 43, 19): duas linhas proféticas vão ser traçadas, incidindo uma sobre a expectativa do Messias e outra sobre o anúncio dum Espírito novo, convergindo ambas no pequeno «resto», o povo dos pobres¹, que aguarda na esperança a «consolação de Israel» e «a libertação de Jerusalém» (*Lc* 2, 25.38).

Vimos mais atrás como Jesus cumpriu as profecias que Lhe diziam respeito. Limitamo-nos agora àquelas em que aparece mais clara a relação entre o Messias e o seu Espírito.

712 Os traços do rosto do *Messias* esperado começam a aparecer no Livro do Emanuel² («quando Isaías teve a visão da glória» de Cristo: *Jo* 12, 41), particularmente em *Is* 11, 1-2:

«Naquele dia,
sairá um ramo do tronco de Jessé
e um rebento brotará das suas raízes.
Sobre ele repousará o Espírito do Senhor:
espírito de sabedoria e de entendimento,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de conhecimento e de temor do Senhor».

713 Os traços do Messias são revelados sobretudo nos cânticos do Servo³. Estes cânticos anunciam o sentido da paixão de Jesus, indicando assim a maneira como Ele derramará o Espírito Santo para dar vida à multidão: não a partir do exterior, mas assumindo a nossa «condição de servo» (*Fl* 2, 7). Tomando sobre Si a nossa morte, Ele pode comunicar-nos o seu próprio Espírito de vida.

714 É por isso que Cristo inaugura o anúncio da Boa-Nova, apropriando-Se desse passo de Isaías (*Lc* 4, 18-19)⁴:

«O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim,
porque o Senhor Me ungiu.
Enviou-Me a anunciar a Boa-Nova aos que sofrem,
para curar os desesperados,
para anunciar a libertação aos exilados
e a liberdade aos prisioneiros,
para proclamar o ano da graça do Senhor».

¹ Cf. *Sf* 2, 3.

² Cf. *Is* 6-12

³ Cf. *Is* 42, 1-9; *Mt* 12, 18-21; *Jo* 1, 32-34; e também *Is* 49, 1-6; *Mt* 3, 17; *Lc* 2, 32; e, por fim, *Is* 50, 4-10 e 52, 13-53, 12.

⁴ Cf. *Is* 61, 1-2.

- 715** Os textos proféticos, respeitantes directamente ao envio do Espírito Santo, são oráculos em que Deus fala ao coração do seu povo na linguagem da promessa, com os acentos do «amor e da fidelidade»⁵, cujo cumprimento São Pedro proclamará na manhã do Pentecostes⁶. Segundo estas promessas, nos «últimos tempos» o Espírito do Senhor há-de renovar o coração dos homens, gravando neles uma lei nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a primeira criação e Deus habitará nela com os homens, na paz.
- 716** O povo dos «pobres»⁷, dos humildes e dos mansos, totalmente entregues aos desígnios misteriosos do seu Deus, o povo dos que esperam a justiça, não dos homens mas do Messias, tal é, afinal, a grande obra da missão oculta do Espírito Santo, durante o tempo das promessas, para preparar a vinda de Cristo. É a qualidade do seu coração, purificado e iluminado pelo Espírito, que se exprime nos salmos. Nestes pobres, o Espírito prepara para o Senhor «um povo bem disposto»⁸.

CIC 1965-1974: a Nova Lei e o Evangelho

- 1965** A Lei nova ou Lei evangélica é a perfeição, na terra, da Lei divina, natural e revelada. É obra de Cristo e tem a sua expressão, de modo particular, no sermão da montanha. É também obra do Espírito Santo e, por Ele, torna-se a lei interior da caridade: «Estabelecerei com a casa de Israel uma aliança nova [...] Hei-de imprimir as minhas leis no seu espírito e gravá-las-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo» (*Heb 8, 8-10*)⁹.
- 1966** A Lei nova é a *graça do Espírito Santo*, dada aos fiéis pela fé em Cristo. Opera pela caridade e serve-se do sermão do Senhor para nos ensinar o que se deve fazer, e dos sacramentos para nos comunicar a graça de o fazer:
- «Aquele que quiser meditar com piedade e perspicácia o sermão que nosso Senhor pronunciou na montanha, tal como o lemos no Evangelho de São Mateus, nele encontrará, sem dúvida alguma, a carta perfeita da vida cristã [...]. Esse sermão encerra todos os preceitos próprios para guiar a vida cristã»¹⁰.
- 1967** A Lei evangélica «cumpre»¹¹, apura, ultrapassa e leva à perfeição a Lei antiga. Nas «bem-aventuranças», ela *cumpra as promessas* divinas, elevando-as e ordenando-as para o «Reino dos céus». Dirige-se àqueles que estão dispostos a acolher com fé esta esperança nova: os pobres, os humildes, os aflitos, os corações puros, os perseguidos por causa de Cristo, traçando assim os surpreendentes caminhos do Reino.

⁵ Cf. *Ez 11, 19; 36, 25-28; 37, 1-14; Jr 31, 31-34; Jl 3, 1-5*.

⁶ Cf. *Act 2, 17-21*.

⁷ Cf. *Sf 2, 3; Sl 22, 27; 34, 3; Is 49, 13; 61, 1; etc.*

⁸ Cf. *Lc 1, 17*.

⁹ Cf. *Jr 31, 31-34*.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 1, 1, 1: CCL 35, 1-2 (PL 34, 1229-1231).

¹¹ Cf. *Mt 5, 17-19*.

- 1968** A Lei evangélica *dá cumprimento aos mandamentos* da Lei. O sermão do Senhor, longe de abolir ou desvalorizar as prescrições morais da Lei antiga, tira deles virtualidades ocultas, fazendo surgir novas exigências: revela toda a verdade divina e humana que elas contêm. Não acrescenta preceitos externos novos; mas chega a reformar a raiz dos actos, o coração, onde o homem escolhe entre o puro e o impuro¹², onde se formam a fé, a esperança e a caridade e, com elas, as outras virtudes. Assim, o Evangelho leva a Lei à sua plenitude, pela imitação da perfeição do Pai celeste¹³, pelo perdão dos inimigos e pela oração pelos perseguidores, à maneira da generosidade divina¹⁴.
- 1969** A Lei nova *pratica os actos da religião*: a esmola, a oração, o jejum, ordenando-os para «o Pai que vê no segredo», ao contrário do desejo «de ser visto pelos homens»¹⁵. A sua oração é o «Pai Nosso»¹⁶.
- 1970** A Lei evangélica supõe a escolha decisiva entre «os dois caminhos»¹⁷ e a passagem à prática das palavras do Senhor¹⁸; resume-se na regra de ouro: «Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho, de igual modo, vós também, pois nisso consiste a Lei e os Profetas» (Mt 7, 12)¹⁹. Toda a Lei evangélica se apoia no «*mandamento novo*» de Jesus²⁰, de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou²¹.
- 1971** Ao sermão do Senhor convém juntar a *catequese moral dos ensinamentos apostólicos*, como Rm 12-15; 1 Cor 12-13; Cl 3-4; Ef 4-5; etc.. Esta doutrina transmite o ensinamento do Senhor com a autoridade dos Apóstolos, sobretudo pela exposição das virtudes que dimanam da fé em Cristo e que são animadas pela caridade, o principal dom do Espírito Santo. «Seja a vossa caridade sem fingimento [...]. Amai-vos uns aos outros com amor fraterno [...]. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração, acudindo com a vossa parte às necessidades dos santos, procurando o ensejo de exercer a hospitalidade» (Rm 12, 9-12). Esta catequese ensina-nos a tratar os casos de consciência à luz da nossa relação com Cristo e com a Igreja²².
- 1972** A Lei nova é chamada *Lei do amor*, porque faz agir mais pelo amor infundido pelo Espírito Santo do que pelo temor; *Lei da graça*, porque confere a força da graça para agir pela fé e pelos sacramentos; *Lei de liberdade*²³, porque nos liberta das observâncias rituais e jurídicas da Lei antiga, nos inclina a agir espontaneamente sob o impulso da caridade e, finalmente, nos faz passar da condição do escravo «que ignora o que faz o seu senhor», para a do amigo de

¹² Cf. Mt 15, 18-19.

¹³ Cf. Mt 5, 48.

¹⁴ Cf. Mt 5, 44.

¹⁵ Cf. Mt 6, 1-6; 16-18.

¹⁶ Cf. Mt 6, 9-13.

¹⁷ Cf. Mt 7, 13-14.

¹⁸ Cf. Mt 7, 21-27.

¹⁹ Cf. Lc 6, 31.

²⁰ Cf. Jo 13, 34.

²¹ Cf. Jo 15, 12.

²² Cf. Rm 14; 1 Cor 5-10.

²³ Cf. Tg 1, 25; 2, 12.

Cristo: «porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai» (Jo 15, 15); ou ainda para a condição de filho herdeiro²⁴.

1973 Além dos seus preceitos, a Lei nova inclui também os *conselhos evangélicos*. A distinção tradicional entre os mandamentos de Deus e os conselhos evangélicos estabelece-se por referência à caridade, perfeição da vida cristã. Os preceitos destinam-se a afastar tudo o que é incompatível com a caridade. Os conselhos têm por fim afastar o que, mesmo sem lhe ser contrário, pode constituir impedimento à expansão da caridade²⁵.

1974 Os conselhos evangélicos manifestam a plenitude viva da caridade, sempre insatisfeita por não dar mais. Atestam o seu ímpeto e solicitam a nossa prontidão espiritual. A perfeição da Lei nova consiste essencialmente nos preceitos do amor de Deus e do próximo. Os conselhos indicam caminhos mais directos, meios mais adequados, e são praticáveis segundo a vocação de cada um:

«Deus não quer que cada um observe todos os conselhos, mas somente os que são convenientes, segundo a diversidade das pessoas, dos tempos, das ocasiões e das forças, consoante a caridade o requer; pois é ela que, como rainha de todas as virtudes, de todos os mandamentos, de todos os conselhos, em suma, de todas as leis e de todas as acções cristãs, lhes dá a todos e a todas o lugar, a ordem, o tempo e o valor»²⁶.

CIC 106, 108, 515: Deus inspirou os autores e os leitores das Escrituras

106 Deus inspirou os autores humanos dos livros sagrados. «Para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens, na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria»²⁷.

108 No entanto, a fé cristã não é uma «religião do Livro». O Cristianismo é a religião da «Palavra» de Deus, «não duma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo»²⁸. Para que não sejam letra morta, é preciso que Cristo, Palavra eterna do Deus vivo, pelo Espírito Santo, nos abra o espírito à inteligência das Escrituras²⁹.

515 Os evangelhos foram escritos por homens que foram dos primeiros a receber a fé³⁰ e que quiseram partilhá-la com outros. Tendo conhecido, pela fé, quem é Jesus, puderam ver e fazer ver os traços do seu mistério em toda a sua vida terrena. Desde os panos do nascimento³¹ até ao vinagre da paixão³² e ao sudário da ressurreição³³, tudo, na vida de Jesus, é sinal do seu mistério. Através dos seus

²⁴ Cf. Gl 4, 1-7; 21-31; Rm 8, 15-17.

²⁵ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 2-2. Q. 184, a. 3: Ed. Leon. 10, 453-454.

²⁶ SÃO FRANCISCO DE SALES, *Traité de l'amour de Dieu*, 8, 6: *Oeuvres*, v. 5 (Anecy 1894) p. 75.

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 11: AAS 58 (1966) 823.

²⁸ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL, *Homilia super "Missus est"*, 4, 11: *Opera*, ed. J. LECLERCQ – H. ROCHAIS, v. 4, Roma 1966, p. 57.

²⁹ Cf. Lc 24, 45.

³⁰ Cf. Mc 1, 1; Jo 21, 24.

³¹ Cf. Lc 2, 7.

³² Cf. Mt 27, 48.

³³ Cf. Jo 20, 7.

gestos, milagres e palavras, foi revelado que «n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade» (Cl 2, 9). A sua humanidade aparece, assim, como «sacramento», isto é, sinal e instrumento da sua divindade e da salvação que Ele veio trazer. O que havia de visível na sua vida terrena conduz ao mistério invisível da sua filiação divina e da sua missão redentora.

CIC 787-795: a Igreja, corpo de Cristo

- 787** Desde o princípio, Jesus associou os discípulos à sua vida³⁴. Revelou-lhes o mistério do Reino³⁵; deu-lhes parte na sua missão, na sua alegria³⁶ e nos seus sofrimentos³⁷. Jesus fala duma comunhão ainda mais íntima entre Ele e os que O seguem: «Permaneçei em Mim, como Eu em vós [...]. Eu sou a cepa, vós os ramos» (Jo 15, 4-5). E anuncia uma comunhão misteriosa e real entre o seu próprio Corpo e o nosso: «Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo 6, 56).
- 788** Quando a sua presença visível lhes foi tirada, Jesus não deixou órfãos os discípulos³⁸. Prometeu-lhes ficar com eles até ao fim dos tempos³⁹, e enviou-lhes o seu Espírito⁴⁰. A comunhão com Jesus tornou-se, de certo modo, mais intensa: «Comunicando o seu Espírito aos seus irmãos, por Ele reunidos de todas as nações, constituiu-os seu Corpo Místico»⁴¹.
- 789** A comparação da Igreja com um corpo lança uma luz particular sobre a ligação íntima existente entre a Igreja e Cristo. Ela não está somente reunida *à volta d'Ele*: está unificada *n'Ele*, no seu Corpo. Na Igreja, Corpo de Cristo, são de salientar mais especificamente três aspectos: a unidade de todos os membros entre si, pela união a Cristo; Cristo, Cabeça do Corpo; a Igreja, Esposa de Cristo.
- 790** Os crentes que respondem à Palavra de Deus e se tornam membros do Corpo de Cristo, ficam estreitamente unidos a Cristo: «Neste Corpo, a vida de Cristo difunde-se nos crentes, unidos pelos sacramentos, dum modo misterioso e real, a Cristo sofredor e glorificado»⁴². Isto verifica-se particularmente no Baptismo, que nos une à morte e ressurreição de Cristo⁴³, e na Eucaristia, pela qual, «participando realmente no Corpo de Cristo», somos elevados à comunhão com Ele e entre nós⁴⁴.
- 791** Mas a unidade do Corpo não anula a diversidade dos membros: «Na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e funções. É o mesmo Espírito que distribui os seus vários dons, segundo a sua riqueza e as necessidades dos

³⁴ Cf. Mc 1, 16-20; 3, 13-19.

³⁵ Cf. Mt 13, 10-17.

³⁶ Cf. Lc 10, 17-20.

³⁷ Cf. Lc 22, 28-30.

³⁸ Cf. Jo 14, 18.

³⁹ Cf. Mt 28, 20.

⁴⁰ Cf. Jo 20, 22; Act 2, 33.

⁴¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 9.

⁴² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 9.

⁴³ Cf. Rm 6, 4-5; 1 Cor 12, 13.

⁴⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 9.

ministérios para utilidade da Igreja»⁴⁵. A unidade do Corpo Místico produz e estimula a caridade entre os fiéis: «Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente; e se algum membro recebe honras, todos se alegram»⁴⁶. Em suma, a unidade do Corpo Místico triunfa sobre todas as divisões humanas: «Todos vós que fostes baptizados em Cristo, fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; porque todos vós sois um só, em Cristo Jesus» (*Gl 3, 27-28*).

792 Cristo «é a Cabeça do Corpo que é a Igreja» (*Cl 1, 18*). Ele é o Princípio da criação e da Redenção. Elevado à glória do Pai, «tem em tudo a primazia» (*Cl 1, 18*), principalmente sobre a Igreja, por meio da qual estende o seu reinado sobre tudo quanto existe.

793 *Une-nos à sua Páscoa*: todos os membros se devem esforçar por se parecerem com Ele, «até que Cristo Se forme neles» (*Gl 4, 19*). «É para isso que nós somos introduzidos nos mistérios da sua vida [...], associados aos seus sofrimentos como o corpo à cabeça, unidos à sua paixão para ser unidos à sua glória»⁴⁷.

794 *Provê ao nosso crescimento*⁴⁸: a fim de crescermos em tudo para Aquele que é a Cabeça⁴⁹, Cristo distribui no seu Corpo, a Igreja, os dons e os serviços pelos quais mutuamente nos ajudamos no caminho da salvação.

795 Cristo e a Igreja são, pois, o «*Cristo total*» (*Christus totus*). A Igreja é uma com Cristo. Os santos têm desta unidade uma consciência muito viva:

«Congratulemo-nos, pois, e dêmos graças pelo facto de nos termos tornado não apenas cristãos, mas o próprio Cristo. Estais a compreender, irmãos, a graça que Deus nos fez, dando-nos Cristo por Cabeça? Admirai e alegrai-vos: nós tornámo-nos Cristo. Com efeito, uma vez que Ele é a Cabeça e nós os membros, o homem completo é Ele e nós [...]. A plenitude de Cristo é, portanto, a Cabeça e os membros. Que quer dizer: a Cabeça e os membros? Cristo e a Igreja»⁵⁰.

«*Redemptor noster unam se personam cum sanctam Ecclesiam, quam assumpsit, exhibuit* – O nosso Redentor apresentou-Se a Si próprio como uma única pessoa unida à santa Igreja, que Ele assumiu»⁵¹.

«*Caput et membra, quasi una persona mystica* – Cabeça e membros são, por assim dizer, uma só e mesma pessoa mística»⁵².

Uma palavra de Santa Joana d'Arc aos seus juízes resume a fé dos santos Doutores e exprime o bom-senso do crente: «De Jesus Cristo e da Igreja eu penso que são um só, e não há que levantar dificuldades a esse respeito»⁵³.

⁴⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 10.

⁴⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 10.

⁴⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 7: AAS 57 (1965) 10.

⁴⁸ Cf. *Cl 2, 19*.

⁴⁹ Cf. *Ef 4, 11-16*.

⁵⁰ SANTO AGOSTINHO, *In Iohannis evangelium tractatus* 21, 8: CCL 36, 216-217 (PL 35, 1568).

⁵¹ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Moralia in Job*, Praefatio 6, 4: CCL 143, 19 (PL 75, 525).

⁵² SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae* 3, q. 48, a. 2, ad 1: Ed. Leon. 11, 464.

⁵³ SANTA JOANA D'ARC, *Dictum: Procès de condamnation*, ed. P. TISSET (Paris 1960), p. 166 (texto em francês).